

Comunistas brigam desde 62

Rachados desde 1962, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido Comunista do Brasil (PC do B) devem unir as forças no segundo turno da eleição presidencial, para apoiar um candidato de esquerda, contra Fernando Collor de Mello (PRN).

O PCB realiza neste sábado, em Brasília, convenção nacional de legalização, último estágio para obter o registro definitivo da Justiça Eleitoral. Na oportunidade, será discutido também o posicionamento do partido neste segundo turno. O apoio a um candidato de esquerda é líquido e certo, seja Brizola ou Lula o vencedor da disputa pela segunda vaga do segundo turno, com eleição marcada para 17 de dezembro próximo.

Resta saber, porém, se o apoio será incondicional ou se o PCB vai estabelecer condições, como participação no Governo, ou ajustes nas propostas, dado que há diferenças programáticas. A resposta sairá da convenção nacional.

O deputado Aldo Arantes (PC do B-GO) adianta, porém, que acha difícil ajustes no programa da Frente Brasil Popular — integrada pelo PT, PSB e PC do B. “Depende da natureza dos ajustes, mas acho difícil a alteração do conteúdo do nosso programa, porque é um compromisso firmado que nos permitiu chegar ao segundo turno”, observou, confiante na vitória de Lula sobre Leonel Brizola.

Aldo Arantes acrescentou que está fora de cogitação qualquer aliança que implique na revisão de pontos como a reforma agrária e a suspensão do pagamento da dívida externa,

por exemplo. Essas questões não devem criar entraves, uma vez que foram igualmente defendidas, com muita ênfase, durante a campanha eleitoral, tanto por Roberto Freire como por Leonel Brizola.

No caso de Leonel Brizola passar ao segundo turno, tanto a Frente Brasil Popular como o PCB pretendem se reunir com o candidato do PDT para a discussão de um programa mínimo. Aldo Arantes afirmou que o apoio da Frente Brasil Popular vai depender do programa político de Brizola, ainda desconhecido, e do perfil ideológico que sua candidatura passará a ter.

O rompimento definitivo da direção do PCB com os quadros que formaram o PC do B ocorreu em 1962. A política de coexistência pacífica implementada pelos soviéticos foi apoiada pelo PCB, mas repudiada por algumas facções pró-Stalin, que criticavam o “revisionismo” e se aproximavam da linha chinesa e das idéias que Mao Tsé Tung.

A nível interno as críticas desses militantes se voltavam para a falta de ativismo do PCB nas áreas de educação das massas, imprensa e movimento de juventude. Esses militantes — dentre os quais João Amazonas, atual presidente nacional do PC do B — fundaram o Partido Comunista do Brasil, de linha chinesa.

Com o acirramento da ditadura militar, o PC do B decidiu partir para a guerrilha rural, com a organização de focos guerrilheiros na região do Araguaia, quando perdeu a maioria de seus quadros. O partido saiu da clandestinidade com a chegada da Nova República, em 1985.